

A TRADUÇÃO INTERLINGUAL DE TERMOS DE CORES

INTERLINGUAL TRANSLATION OF COLOR TERMS

Larissa Moreira Brangel¹

RESUMO: O presente trabalho procura trazer ao âmbito dos estudos em tradução algumas questões relativas à tradução interlingual de termos de cores. Tomando como base a discussão a respeito da equivalência tradutória, procurou-se questionar a existência de equivalentes perfeitos de tradução, para, então estender tal discussão ao âmbito dos termos de cores. Duas propostas de análise são, então, contrapostas: uma oriunda da concepção estruturalista da linguagem, e outra da visão semântico-cognitiva. As reflexões resultantes do presente trabalho levam a crer que a Semântica Cognitiva, ao propor a existência de universais semânticos de cor, pode trazer grandes contribuições aos estudos em tradução.

Palavras-chave: equivalência tradutória; termos de cores; Semântica Cognitiva.

ABSTRACT: This paper aims at bringing into translation studies some points about interlingual translation of color terms. Based on some discussions about translation equivalence, we question the existence of perfect translation equivalents. At a second moment, we apply such discussion to the range of colors. So we contrast two proposals for analysis: one derived from the Structuralist approach to language, and another from the Cognitive Semantics approach. Our conclusions lead us to believe that Cognitive Semantics, when proposing the existence of semantic universals of color, can contribute in large scale to translation studies.

Keywords: translation equivalence; color terms; Cognitive Semantics.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo trazer para o plano das discussões sobre tradução um tema que há muito tempo intriga e fascina pesquisadores das mais diversas áreas do saber: trata-se do fenômeno cromático ou, mais especificamente, dos termos linguísticos utilizados para denominar tonalidades nas diversas línguas existentes. Tais denominações funcionam como elementos designadores e organizadores do modo como os falantes de uma determinada língua recortam a escala cromática, que, a princípio, se apresenta sob uma forma contínua, sem limitações previamente impostas.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Em um estudo linguístico a respeito das cores, é impossível não salientar a estrita relação existente entre a experiência do homem no mundo em que vive e o modo como ele nomeia, ou seja, traz para o plano linguístico as tonalidades de cor que julga mais destacáveis na escala cromática. É nesse sentido que Zavaglia (2006, p. 26) argumenta que “de acordo com a sua vivência e experiência, o homem, com o decorrer do tempo, foi criando e registrando linguisticamente sua afetividade pelas cores”. Ainda sobre a nomeação das cores, é importante salientarmos algumas considerações de Guimarães (2000, p. 60), ao dizer que “a natureza oferece um número infinito de cores”, porém “nossa percepção [...] não é capaz de discernir todos esses tons e o nosso vocabulário só é capaz de atribuir nomes próprios a algumas dezenas deles”. Os termos de cores de uma língua, portanto, espelham apenas uma parcela mínima do que seria a realidade propriamente dita experienciada pelos falantes, já que criar um termo de cor para cada tonalidade de cor percebida pelo homem seria uma tarefa impossível, independente da língua estudada. A maneira sucinta que as línguas espelham as tonalidades, ou seja, o modo como recortam a escala cromática, acarreta em uma grande discrepância ao se comparar termos de cores entre línguas diferentes. Para Zavaglia, “partindo-se da premissa de que cada língua tem uma maneira própria de compreender a divisar o mundo, o universo das cores é representado de acordo com as particularidades de cada cultura, ou seja, conotativamente e subjetivamente” (ZAVAGLIA, 2006, p. 27), o que leva a autora a concluir que “a percepção de das cores será representada linguisticamente de forma diferenciada de uma cultura para outra” (ZAVAGLIA, 2006, p. 27).

Desta forma, ao propormos uma abordagem linguística ao fenômeno das cores, nos colocamos em frente a questionamentos do tipo: até que ponto a cultura seria um aspecto que influencia diretamente no recorte da escala cromática feito por uma língua?, as diferentes categorizações da escala cromática encontradas na comparação entre as línguas ocorreriam em razão de uma total arbitrariedade na categorização? e, ainda, existiria algo de universal no estudo sobre categorização de cores, algo que unisse as diferentes línguas em relação ao modo como as cores são percebidas? Estes questionamentos constituem perguntas-chave para o propósito do presente trabalho, que procura fazer uma breve reflexão a respeito da tradução de termos de cores. Por *termos de cores* entende-se, aqui, os vocábulos utilizados por uma determinada comunidade linguística para fazer menção às tonalidades de cores reconhecidas por essa língua. Ao propormos o presente assunto e apresentarmos o embasamento teórico que alicerçará nossas discussões, procuramos contribuir de forma efetiva para o surgimento de novas discussões a respeito do tema *cores e linguagem humana*, incorporando aos estudos sobre cores um olhar sob uma ótica tradutória.

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE CORES E TRADUÇÃO

Nesta seção do trabalho, nos propomos a levantar algumas considerações que relacionem os estudos de tradução aos estudos das cores. Nosso propósito é levantar alguns questionamentos a respeito do tema para, através destes questionamentos,

conduzir o leitor a melhor refletir sobre o estudo que aqui propomos. Para tanto, é necessário que primeiramente delimitemos o tipo de tradução a qual fazemos referência, para que melhor possamos definir nossa discussão e para que a mesma prossiga sem nenhum equívoco.

Utilizaremos nesse trabalho a noção de *tradução interlingual* trazida por Jakobson em sua obra *Linguística e Comunicação*. Na obra referida, o autor propõe três tipos de tradução, a saber: a *tradução intralingual*, que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua” (JAKOBSON, 2005, p. 64), a *tradução interlingual*, que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua (JAKOBSON, 2005, p. 65), e a *tradução inter-semiótica*, que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (JAKOBSON, 2005, p. 65). Embora o terceiro tipo de tradução apresentado pelo autor, a tradução inter-semiótica, constitua um fenômeno muito interessante de ser estudado no ramo dos estudos de cores, nos limitaremos, neste trabalho, a tratar somente da tradução interlingual (ou *tradução propriamente dita*), para melhor podermos expor e aprofundar o tema.

Por utilizarmos a terminologia de Jakobson para delimitar a nossa noção de tradução, é justamente com um postulado do referido autor que começaremos a discussão sobre o tema. Ao tratar sobre a tradução interlingual, Jakobson (2005, p. 67) postula que “toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente. Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calcos, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios”. É verdade que uma suposição deste tipo pode ser aplicada a quase todas as esferas do léxico de uma língua. É possível, por exemplo, que um falante do português brasileiro consiga transpor para um idioma estrangeiro a palavra *samba*, mesmo que a mesma não apresente equivalentes de tradução. A explicação do ritmo tipicamente brasileiro, os instrumentos utilizados para tocar esse ritmo, a coreografia desenvolvida por quem dança o ritmo e até o contexto do carnaval são elementos que tornam a palavra *samba* passível de ser traduzida para uma outra língua e que a transmissão de informação entre as línguas seja efetiva. Porém, acreditamos que nem todas as palavras do léxico de uma língua sejam, do mesmo modo, passíveis de serem traduzidas, e que os termos de cores constituem um exemplo deste seletivo grupo de palavras.

Ao expor alguns exemplos para elucidar seu postulado, Jakobson (2005, p. 67) comentou brevemente o modo como as palavras *parafuso*, *aço*, *estanho*, *giz* e *relógio* são expressas na recente língua literária dos Chunkchees do nordeste da Sibéria (respectivamente, *prego giratório*, *ferro duro*, *ferro delgado* e *sabão de escrever*). Note, no entanto, que todas as palavras apresentadas pelo autor, constituem substantivos concretos, passíveis de serem manipulados e, em razão disso, mais facilmente de serem descritos. Nos voltemos agora aos termos de cores: como seria possível, por exemplo, explicarmos a um falante dessa mesma língua o significado de *verde bandeira*, por exemplo, uma tonalidade que, em português brasileiro, está diretamente relacionada à tonalidade do verde encontrado na bandeira do Brasil? A menos que

dispuséssemos de um objeto de cor igual ao verde de nossa bandeira e mostrássemos diretamente ao falante da língua em questão, seria impossível explicarmos de modo eficaz a qual tonalidade o termo *verde bandeira* faz referência. Neste sentido, nos posicionamos contra o postulado de Jakobson, por considerarmos que os termos de cores constituem elementos não tão passíveis de serem traduzidos quando não possuem um equivalente direto em língua estrangeira.

Essa discussão trazida a respeito do item lexical *verde bandeira* constitui um exemplo do que Bassnett (2005, p. 54) denomina *intraduzibilidade*. Utilizando-se da terminologia de Catford, a autora diferencia dois tipos de intraduzibilidade: a *intraduzibilidade linguística* e a *intraduzibilidade cultural*: “Em nível linguístico, a intraduzibilidade ocorre quando não há substituto lexical ou sintático na LM para um item na LF”² (BASSNETT, 2005, p. 54). Ainda seguindo os postulados de Catford, a autora ressalta que “a intraduzibilidade linguística [...] é devida a diferenças entre a LF e a LM, enquanto a intraduzibilidade cultural deve-se à ausência na cultura da LM de um aspecto situacional relevante no texto em LF” (BASSNETT, 2005, p. 55).

Os dois tipos de intraduzibilidade apresentados por Bassnett (2005), quando estudados sob a ótica da tradução de termos de cores, encaixam-se perfeitamente em duas situações que os correspondem. Primeiramente, pensemos no caso da intraduzibilidade linguística, relacionada a uma lacuna existente no nível lexical ou sintático na língua meta. O exemplo anteriormente apresentado, o termo de cor *verde bandeira* constituiria um exemplo deste tipo de intraduzibilidade. Além deste item, podemos citar ainda uma série de outros termos de cores existentes na língua portuguesa que não possuem um equivalente direto de tradução para a língua inglesa, por exemplo. Alguns desses termos são: *verde garrafa*, *azul petróleo* e *vermelho real*, por exemplo. No caso dos exemplos aqui citados aparecerem em um texto do português que devesse ser vertido para o inglês, a melhor saída para o tradutor seria a de procurar os equivalentes de termos de cores em inglês que mais se aproximassem das tonalidades instanciadas pelos termos de cores do português. A perda, no entanto, ainda seria parcial.

Em relação à intraduzibilidade cultural, podemos também levantar algumas questões relacionadas à tradução de termos de cores. Consideremos, ainda, os termos de cores das línguas inglesa e portuguesa. Em português brasileiro, por exemplo, o termo de cor *azul* remete a uma tonalidade que culturalmente é relacionada à paz e à tranquilidade pelos falantes, se fazendo presente em expressões metafóricas do tipo *está tudo azul*, que tem como significado *está tudo bem*. Na língua inglesa, por outro lado, a palavra *blue*, utilizada para se referir à mesma tonalidade a qual *azul* faz referência, pode estar relacionada a um sentimento de tristeza, melancolia e depressão para os falantes do inglês. Em inglês, uma expressão do tipo *I feel blue* (literalmente, *me sinto azul*) significa algo como *estou triste*, em português. Pensemos, então, em textos em inglês e em português que utilizem a palavra *azul/ blue* para

² Segundo a terminologia adotada pela autora, LM corresponde à *língua meta* e LF à *língua fonte*.

fazer referência aos sentimentos. No momento da tradução, o tradutor deverá ter conhecimento desses fatores culturais e substituir o termo de cor por outra palavra da língua meta, perdendo, assim, a relação existente – e intraduzível – entre a cor e o sentimento evocado por ela. Selecionamos, abaixo, dois trechos de música, uma em inglês e outra em português, que utilizam os vocábulos *blue/ azul* para fazer referência a um estado de espírito:

Música	Comentário
<i>Crazy, crazy, crazy for you baby</i> <i>What can I do, honey</i> <i>I feel like the color blue...</i> (Música: Crazy/ Banda: Aerosmith)	A referência à cor azul, nesse caso, serve para indicar a tristeza do personagem que canta a música, já que a mesma fala sobre um amor muito perturbado, que não o deixa feliz.
<i>Tudo azul, todo mundo nu</i> <i>No Brasil, sol de norte a sul</i> <i>Tudo bem, tudo zen, meu bem</i> <i>Tudo sem força e direção.</i> (Música: Tudo azul/Cantor: Lulu Santos)	No caso da música em português, a cor azul serve para fazer referência a um estado de tranquilidade e passividade, conforme a cor é vista pela cultura brasileira.

As discussões trazidas até agora nos levam a pensar em um tema muito discutido dentro dos estudos em tradução: trata-se da noção de equivalência tradutória. Segundo Hurtado Albir (2001, p. 201), os estudos em tradução têm sido desenvolvidos ao longo da história por uma série de conceitos que conduzem o que a autora considera a noção-chave dos estudos em tradutologia, ou seja, a noção de *fidelidade*. Dentre as noções-chave que compõem os estudos sobre fidelidade em tradução, encontram-se a *equivalência tradutória*, a *invariável tradutória*, a *unidade de tradução*, o *método tradutor*, as *técnicas de tradução*, as *estratégias tradutórias*, os *problemas de tradução* e os *erros de tradução*, sendo que, segundo autora, “de todas elas, a equivalência é a noção central que rege o funcionamento das demais” (ALBIR, 2001, p. 202)³. É por constituir um tema de tantos anos de debate, que julgamos importante apresentar, nesse ponto da discussão, algumas considerações a respeito de equivalência tradutória e traçar uma relação com a busca de equivalentes de termos de cores de línguas distintas.

Ao se tratar de equivalência tradutória, é necessário ressaltar que existe uma grande dificuldade em se achar uma definição precisa para o termo *equivalência*. Conforme Hurtado Albir (2001, p. 204), esse tema tem causado muitas controvérsias ao longo da história dos estudos em tradução, o que fez alguns autores, na década de 80, proporem outras alternativas ao termo, após muito questioná-lo. Diante da discussão, a autora propõe que a noção de equivalência parta de uma concepção flexível e dinâmica, “considerando-a como um conceito relacional entre a tradução

³ [De todas ellas la equivalencia es la noción central que rige el funcionamiento de las demás.]

e o texto original que define a existência de um vínculo entre ambos” (ALBIR, 2001, p. 209)⁴. Além disso, a autora defende que tal relação ocorre sempre “em função da situação comunicativa [...] e do contexto sócio-histórico em que se desenvolve o ato tradutório, e, por consequência, tem um caráter relativo, dinâmico e funcional” (ALBIR, 2001, p. 209)⁵. Desta forma, a discussão a respeito de equivalência tradutória tem evoluído de uma “concepção mais prescritiva e linguística para uma concepção mais descritiva e dinâmica” (ALBIR, 2001, p. 212)⁶.

Se utilizarmos o exemplo apresentado anteriormente a respeito dos termos de cores *blue* e *azul* e seus significados em inglês e em português, respectivamente, podemos traçar um paralelo com a noção de equivalência tradutória defendida por Hurtado Albir. Conforme discutimos anteriormente, traduzir a expressão em inglês *I feel blue* por *Me sinto azul* constituiria um erro de tradução, por mais que a palavra *blue*, em princípio, pareça um equivalente direto de termo de cor para *azul*. Nesse caso, a noção de equivalência deve estar de acordo com a situação comunicativa em que o termo a ser traduzido se insere, revelando, assim, um caráter dinâmico e passível de mudança de significado de acordo com o contexto da frase.

Ao tratarmos de equivalência entre termos de cores de línguas diferentes, é necessário que reconheçamos a função que o termo de cor desempenha no contexto em que se insere. Se, por um lado, o termo de cor instancia uma expressão metafórica, altamente influenciada pela cultura da língua em questão, tal como *a situação está preta* ou *estou no vermelho*, é necessário que o tradutor tenha em mente que a língua alvo poderá não possuir um equivalente direto em relação ao termo de cor, cabendo ao tradutor optar por uma expressão que transmita a *essência da mensagem*, mas que, muitas vezes, perca a parte metafórica, evocada pela expressão cromática. Por outro lado, se o termo de cor fizer menção direta a uma tonalidade, como *comprei um carro azul-petróleo*, é necessário que o tradutor procure o termo de cor em língua alvo que faça referência à mesma tonalidade do termo em língua fonte. O exemplo aqui apresentado, *azul-petróleo*, constitui um termo de cor que faz referência a uma tonalidade muito propagada na cultura brasileira, mas que não se encontra disponível em todas as línguas existentes. Em um caso como esse, a perda na tradução fica ainda mais evidente, pois não há como transpor para a segunda língua a *essência* da palavra, a menos que seja possível a utilização de um referente direto da cor.

Tratar sobre a tradução de cores, portanto, desafia os mais importantes postulados a respeito dos estudos em tradução. Os termos de cores, tanto em nível metafórico como em nível literal, nem sempre são passíveis de serem traduzidos, constituindo um grande problema para muitos tradutores. Nosso próximo passo é tentar distinguir quais os termos de cores que, potencialmente, possuem equiva-

⁴ [considerándola como un concepto relacional entre la traducción y el texto original que define la existencia de un vínculo entre ambos.]

⁵ [En función de la situación comunicativa [...] y del contexto sociohistorico em que se desarrolla El acto traductor, y, por conseqüente, tiene un carácter relativo, dinámico y funcional.]

⁶ [concepción más prescriptiva y linguística a una concepción más descriptiva y dinámica.]

lentes diretos em língua estrangeira e quais não. Os estudos apresentados a seguir constituíram um marco em estudos sobre categorização e, neste trabalho, são de extrema importância para os postulados em tradução, pois trazem a idéia de possíveis referentes universais de termos de cores.

A CATEGORIZAÇÃO DAS CORES: OS ESTUDOS DE BERLIN & KAY

Para tratarmos dos estudos sobre cores desenvolvidos por Berlin e Kay é necessário que falemos um pouco a respeito dos estudos sobre categorização, para melhor situar o tema. Em Semântica Cognitiva, área de investigação que acolheu com grande interesse os estudos de Berlin e Kay, o estudo sobre a categorização constitui um campo de investigação em destaque. Para Lakoff, “um entendimento de como categorizamos é central para qualquer entendimento de como pensamos e como funcionamos, logo, central para um entendimento sobre o que nos faz humanos” (LAKOFF, 1987, p. 6)⁷. Os postulados em Semântica Cognitiva a respeito da categorização rompem com a visão tradicional, conhecida como *modelo CNS* (modelo de condições necessárias e suficientes), oriunda da filosofia grega, e trazem uma nova proposta para explicar a maneira pela qual o ser humano constrói as categorias no mundo em que habita.

Após uma série de experimentos empíricos, a psicóloga Eleanor Rosch e seus colaboradores postularam, no início da década de 70, que o pertencimento de um ente a uma categoria não ocorre em função de traços característicos da categoria, como propunha o único modelo até então existente (modelo CNS), mas sim pela comparação deste ente a um protótipo da categoria, e que essa comparação surge através da interação do homem com o mundo em que habita. A noção de categoria, portando, deixa de ser apenas a de um conjunto fechado, dotado de limites rígidos e com membros equidistantes para abranger uma noção de categorias com limites difusos e membros mais representativos do que outros. Conforme aponta Lakoff, “a teoria dos protótipos, do modo como está desenvolvida, está mudando a nossa opinião a respeito da mais fundamental das capacidades humanas – a capacidade de categorizar – e, com isso, nossa opinião sobre como funcionam a mente e o raciocínio humanos” (LAKOFF, 1987, p. 7)⁸. É neste momento de investigações e lançamentos de novas hipóteses que surge o estudo de Berlin e Kay, intitulado *Basic Color Terms* (termos básicos de cor), de 1969. Conforme aponta Lakoff (1987, p. 14), os estudos de Berlin e Kay foram responsáveis por apontar empiricamente as idéias de centralidade e gradiência postuladas por Rosch na Teoria dos Protótipos. Porém, para que se tenha uma melhor compreensão da ruptura com a visão tradicional, faremos uma breve exposição sobre como os estudos sobre categorização de cores

⁷ [An understanding of how we categorize is central to any understanding of how we think and how we function, and therefore central to an understanding of what makes us human.]

⁸ [Prototype theory, as it is evolving, is changing our Idea of the most fundamental of human capacities - the capacity to categorize – and with it, our idea of what the human mind and human reason are like]

eram concebido antes dos postulados de Berlin e Kay, bem como quais aspectos mudaram após esses postulados.

Em Taylor (2003), o autor dedica um capítulo para a discussão a respeito da categorização das cores, começando pela visão tradicional, oriunda da tradição estruturalista, até chegar aos postulados da Semântica Cognitiva. É com base no raciocínio apresentado por Taylor (2003) que pretendemos expor a trajetória dos estudos em cores pelo viés da Linguística, primeiramente sob uma ótica saussureana (visão estruturalista) e, depois, sob a ótica semântico-cognitiva da linguagem para, mais adiante, apontar quais as consequências de uma discussão de tal sorte no campo dos estudos de tradução.

Taylor (2003) retoma, primeiramente, os postulados saussureanos a respeito da arbitrariedade do signo linguístico. Conforme postula Saussure, o signo linguístico é arbitrário por natureza e essa arbitrariedade ocorre por dois vieses: primeiramente, porque a associação de uma forma particular (significante) a um sentido particular (significado) é arbitrária (SAUSSURE, 2006, p. 81). Em segundo lugar, porque o próprio significado é arbitrário por natureza (SAUSSURE, 2006, p.83). “Saussure negava vigorosamente que existissem pré-significados (como “vermelho”, “laranja” etc.), que estivessem lá, independentes da língua, esperando para serem nomeados” (TAYLOR, 2003, p. 6)⁹.

Outro aspecto da visão saussureana a respeito da linguagem apontada por Taylor diz respeito à noção de língua como um sistema de signos em oposição. Segundo este famoso postulado de Saussure, o valor de um signo resulta da presença simultânea de outros, ou seja, o significado acontece pela presença da oposição dos elementos do sistema. A primeira conclusão oriunda de tal postulado, segundo Taylor, é que uma cor teria o seu valor em função da presença de outras cores no sistema (TAYLOR, 2003, p. 7). Para Taylor, portanto, estudar as cores sob a perspectiva estruturalista da linguagem acarreta implicações tais como:

- 1) “Todos os termos de cores de um sistema possuem o mesmo status” (TAYLOR, 2003, p. 7)¹⁰. Ou seja, assim como postulava o modelo tradicional de categorização, o modelo *CNS*, as categorias de cores seriam formadas por membros equidistantes, mesmo que alguns termos fossem usados com maior frequência que outros. Segundo essa vertente teórica, se o valor de cada termo ocorre em função da oposição com os outros termos do sistema, não há porque existir um termo mais representativo da categoria do que outro.
- 2) “Todos os referentes de um termo de cor possuem o mesmo status” (TAYLOR, 2003, p. 7)¹¹. Da mesma forma que os termos do sistema pos-

⁹ [Saussure vigorously denied that there are pré-existing meanings (such as “red”, “orange”, etc.), which are there, independent of language, waiting to be named.]

¹⁰ [All colours terms in a system have equal status.]

¹¹ [All referents of a colour term have equal status.]

suem o mesmo status, na visão estruturalista, os referentes desses termos também terão o mesmo status. Conforme aponta Taylor (2003), de acordo com a visão estruturalista, se duas tonalidades são categorizadas como vermelho, não há por que, do ponto de vista da linguagem, se discutir qual tonalidade é “mais vermelha”. Apesar de o falante perceber a diferença entre as tonalidades, o estruturalismo ignora que essa diferença seja importante para fins de estudos de categorização.

- 3) “O único objeto de estudos da Linguística é o sistema linguístico, não termos individuais de um sistema, nem os referentes dos termos individuais.” (TAYLOR, 2003, p. 7)¹². Para a teoria estruturalista, o que importa no estudo da linguagem é a comparação entre sistemas inteiros e os valores existentes dentro desses sistemas (línguas).

Como já foi mencionado, o modelo de categorização tradicional foi, durante muito tempo, concebido como a única explicação possível para o fenômeno da categorização. Esse modelo, portanto, permaneceu inquestionável durante centenas de anos, desde os postulados filosóficos da Grécia antiga até meados da década de 70 do século XX, quando se passou a questionar a respeito da existência de melhores e piores exemplares de uma categoria. Um dos estudos que alicerçaram os postulados de Rosch sobre categorização foi o estudo de Berlin e Kay, que melhor delinaremos a partir de agora.

Através de uma série de experimentos empíricos que visava comparar os nomes de cores básicas em 20 línguas diferentes, Berlin e Kay chegaram a algumas conclusões que se colocavam em oposição à visão tradicional sobre a categorização de cores. De acordo com o estudo *Basic Color Terms*, “apesar das diferentes línguas codificarem em seus vocabulários diferentes números de categorias de cores básicas, um inventário total universal de exatas onze categorias de cores básicas existe, do qual onze ou menos termos de cores básicas de qualquer língua são sempre extraídos” (BERLIN; KAY, 1999, p. 2)¹³. Segundo os autores, “as onze categorias básicas de cor são *branco, preto, vermelho, verde, amarelo, azul, roxo, rosa, laranja e cinza*” (BERLIN; KAY, 1999, p. 2)¹⁴. Esses termos básicos de cor, portanto, representariam o protótipo da categoria de cor e estariam estritamente condicionados à configuração biológica do corpo humano, como pôde ser comprovado algum tempo mais tarde em estudos neurofisiológicos desenvolvidos por Kay e McDaniel (LAKOFF, 1987, p. 26). A primeira grande conclusão de Berlin e Kay, portanto, é a provável existência de universais semânticos de cor, representados pelo que os autores denominaram *Focal*

¹² [The only legitimate object of linguistic study is the language system, not individual terms in a system, nor indeed the referents of the individual terms.]

¹³ [Although different languages encode in their vocabularies different numbers of basic color categories, a total universal inventory of exactly eleven basic color categories exists from which the eleven or fewer basic color terms of any given language are always drawn.]

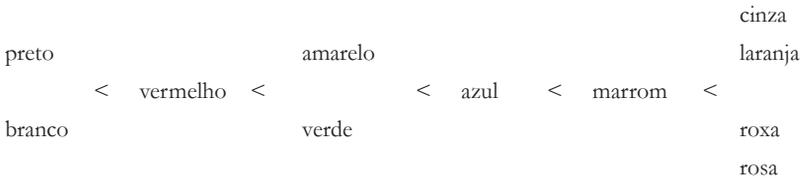
¹⁴ [The eleven basic color categories are *White, Black, red, Green, yellow, blue, Brown, purple, Pink, Orange, and grey.*]

Colors (Cores Focais). Assim, conforme Berlin e Kay, para que um termo seja um termo básico de cor, ele obedece às seguintes regras:

- 1) O termo não deve estar incluído dentro de um outro termo, ou seja, não deve estar subordinado a uma outra tonalidade de cor. Um dos exemplos apresentado por Taylor (2003, p. 8) diz respeito ao termo *escarlate*, que, por fazer referência a um tipo de vermelho, não constitui um termo básico de cor;
- 2) O termo deve ser morfologicamente simples, ou seja, um termo como *azul-marinho* não constitui um termo básico de cor;
- 3) O termo não pode estar estrito a uma colocação, ou seja, o termo *loiro*, conforme apresentado por Taylor (2003, p. 8), não constitui termo básico de cor, pois faz referência apenas às cores de cabelo;
- 4) O termo deve ser de uso frequente na língua.

(BERLIN; KAY *apud* TAYLOR, 2003)

A Segunda conclusão a que Berlin e Kay chegaram após seus experimentos foi a de que as onze cores focais por eles descobertas se apresentavam de forma hierárquica nas línguas estudadas, ou seja, que haveria uma possível existência de uma “sequência evolucionária para o desenvolvimento do léxico de cores” (RIBEIRO; CÂNDIDO, 2008, p. 156). Conforme postulam Berlin e Kay (1999, p. 2), “se uma língua codifica menos de onze categorias básicas de cor, há uma limitação estrita de quais categorias essa língua poderá codificar”¹⁵. De acordo com os autores, o inventário universal de onze cores focais obedece a seguinte sequência:



Adaptado de Berlin e Kay, 1999

No desenvolvimento léxico das cores, portanto, o preto e o branco seriam os dois primeiros termos a surgirem, precedendo o vermelho, que precede o verde ou o amarelo, que precede o verde e o amarelo (aparecendo sob apenas uma categoria de cor), que precedem o azul, que precede o marrom, que precede o cinza, o laranja, o roxo e o rosa (RIBEIRO; CÂNDIDO, 2008, p. 156). Seguindo o esquema acima proposto, a existência, em uma língua, de uma categoria de cor à direita implica na existência de todas as categorias à esquerda. Uma língua, portanto, que apresente no

¹⁵ [If a language encodes fewer than eleven basic color categories, then there are strict limitations on which categories it may encode.]

seu léxico um termo para definir *azul*, apresentará, necessariamente, segundo Berlin e Kay (1999), termos designantes para preto, branco, amarelo e/ou verde. Por estar estritamente ligada à percepção pelas células cones, localizadas na retina, as cores focais propostas por Berlin e Kay apontam para uma provável motivação em relação à divisão da escala cromática, o que leva Taylor a concluir que, “embora possamos falar em um espectro cromático organizado de maneira contínua, a percepção desse espectro não é necessariamente contínua” (TAYLOR, 2003, p. 12)¹⁶. O vermelho “ideal”, ou seja, o vermelho prototípico da categoria *vermelho*, não surge de forma arbitrária, e sim por uma série de interações dos fenômenos químicos e físicos (que resultam no comprimento de onda da cor vermelha) com o aparato visual humano. Além disso, Taylor (2003) ainda aponta para o fato de haver um motivo pelo qual o vermelho e o verde, o azul e o amarelo, o preto e o branco estarem posicionados à direita da hierarquia: “em termos de seu processamento neurológico, tais cores constituem ‘primitivos’ perceptuais, enquanto o laranja e o roxo, e o cinza, o rosa e o marrom resultam da mistura das cores elementares” (TAYLOR, 2003, p. 13)¹⁷.

De acordo com Taylor, duas considerações importantes, que se colocam em uma posição de oposição à visão estruturalista sobre o estudo das cores, emergem a partir da pesquisa realizada por Berlin e Kay (1999):

Primeiramente, a conclusão de que as categorias de cores possuem centro e periferia, ou seja, a existência de exemplares melhores e piores de uma mesma tonalidade, fato que nega a visão estruturalista de que os membros de uma categoria teriam o mesmo status. Importante mencionar que o centro da categoria é sempre constante, seja qual for a extensão da categoria.

Em segundo lugar, a conclusão de que as cores não formam um sistema, no sentido saussureano, pois possuem um centro focal, apresentado como protótipo da categoria. O termo focal, ou seja, o centro da categoria, permanecerá o mesmo, independentemente da entrada de um novo termo ao sistema.

O estudo aqui apresentado, de forma bastante sucinta, serviu para inovar o modo como as categorias de cores eram concebidas até o momento da apresentação dos postulados de Berlin e Kay. Ao postular que a divisão da escala cromática não ocorre de maneira arbitrária, como defendia a visão tradicional, o estudo intitulado *Termos Básicos de Cor* contribuiu de modo empírico para a construção e consolidação da teoria dos protótipos, que, na época, começava a dar seus primeiros passos. Além disso, o estudo também corroborou um dos postulados mais difundidos pela Semântica Cognitiva: trata-se do papel do corpo na formação de conceitos pelo homem. Nesse estudo, ficou claro que, em vez de demonstrar a arbitrariedade das categorias linguísticas, as cores constituem um exemplo da influência da percepção e do meio na formação das categorias linguísticas (*corporificação e experiencialismo*).

¹⁶ [While it may be valid to talk of the colour spectrum as a smooth continuum, it does not follow that perception of the spectrum is equally smooth.]

¹⁷ [In terms of their neurological processing, these colours constitute perceptual “primitives”, while Orange and purple, and grey, pink and brown, result from the mixing of the elemental colours.]

Se levarmos em conta que todos os homens possuem o mesmo aparato sensorio-motor para perceber as tonalidades de cor e que, devido a isso, a percepção das cores focais constitui um fenômeno potencialmente universal, é possível que trabalhemos com a hipótese de que as cores focais constituam equivalentes perfeitos de tradução, quando forem comparadas duas línguas que possuam as onze cores plenamente desenvolvidas. Os problemas de equivalência, nesse caso, seriam superados, já que as onze cores focais, conforme propõem Berlin e Kay (1999), constituem a nomeação de referentes exatos no mundo, ou seja o *azul* focal do português equivaleria à mesma tonalidade do equivalente ao termo *blue* em inglês. Em se tratando de referentes à tonalidades da escala cromática, portanto, *azul* e *blue* seriam equivalente diretos de tradução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou trazer para o plano dos estudos linguísticos alguns aspectos sobre o fenômeno cromático, que tem sido estudado sob os mais diversos enfoques ao longo da história da humanidade. Nessa abordagem linguística, mais especificamente sob o viés dos estudos em tradução, procuramos traçar um paralelo entre alguns aspectos do fenômeno cromático e alguns postulados a respeito dos estudos em tradução. Procuramos, dessa forma, tanto integrar mais uma perspectiva de observação aos estudos das cores, como também trazer para o plano dos estudos de tradução um novo objeto de análise.

A primeira observação importante decorrente do presente estudo diz respeito ao modo como podemos abordar o estudo sobre tradução de termos de cores. Como foi demonstrado, ao se discutir a noção de equivalência entre vocábulos que nomeiam tonalidades, é possível que o assunto seja abordado a partir de dois vieses: sob o aspecto metafórico da concepção de cor ou sob o viés literal, ou seja, a referência a uma tonalidade. Conforme discutido, quando abordamos a tradução de termos de cores pelo viés metafórico, a busca por equivalentes diretos de tradução constitui uma tarefa praticamente impossível, pois, no momento da tradução, na grande maioria dos casos, será necessária a substituição do termo de cor em LF por uma palavra que não remeta a alguma cor em LM, mantendo-se a mensagem, mas perdendo-se a metáfora, conforme apresentado nos exemplos *I feel blue/ Me sinto triste*. A perda, nesse caso, é inevitável.

Ao se discutir noções de equivalência entre termos de cores sob uma perspectiva literal, ou seja, a partir da relação entre as tonalidades da escala cromática e os vocábulos que nomeiam essas tonalidades, é possível que se estabeleça uma divisão entre dois tipos de termos de cores: de um lado, encontram-se as cores focais propostas por Berlin e Kay (1999), que constituem equivalentes diretos de tradução por representarem instâncias prototípicas de categorias de cor e possuírem um caráter potencialmente universal. Do outro lado, encontram-se os termos de cores pertencentes a uma mesma categoria, mas que não constituem protótipos da mesma, ou seja, não são os melhores exemplares.

Temos na categoria de cor *verde*, por exemplo, o termo básico de cor *verde*, representante focal dessa categoria, e, como instâncias menos prototípicas, termos como *verde-bandeira*, *verde-garrafa*, *verde-piscina*, *verde-água* etc, que nem sempre possuem um equivalente direto em língua estrangeira, deixando transparecer, assim, o fenômeno do anissomorfismo linguístico.

Ao tratarmos de tradução de termos de cores, portanto, é possível que falemos em equivalentes diretos de tradução, apesar de se tratar de um número muito restrito de termos e ocorrer em situações também específicas. Para que as onze cores focais sejam, de fato, equivalentes diretos de tradução, é necessário que comparemos línguas que tenham a escala evolutiva proposta por Berlin e Kay (1999) plenamente desenvolvidas, ou seja, que possuam as onze cores focais plenamente distintas. Seguindo a proposta dos pesquisadores, é possível, portanto, que montemos um quadro comparativo de quatro línguas que possuem os onze termos de cores focais, apresentando, assim, equivalentes diretos de tradução de termos de cores:

PORTUGUÊS	INGLÊS	ESPAÑHOL	FRANCÊS
Preto	Black	Negro	Noir
Branco	White	Blanco	Blanc
Vermelho	Red	Rojo	Rouge
Amarelo	Yellow	Amarillo	Jaune
Verde	Green	Verde	Vert
Azul	Blue	Azul	Bleu
Marrom	Brown	Marrón	Marron
Cinza	Grey	Gris	Gris
Laranja	Orange	Naranja	Orange
Roxo	Purple	Morado	Violet
Rosa	Pink	Rosado	Rose

De acordo com a pesquisa de Berlin e Kay, todos os termos listados acima constituem protótipos da categoria a qual estão inseridos, revelando-se, assim, melhores representantes da categoria e possuindo um caráter universal. O protótipo da cor vermelha, instanciado em português pelo termo de cor *vermelho*, equivale à mesma tonalidade instanciada pelos termos *red*, *rojo* e *rouge*, em inglês, espanhol e francês, respectivamente. Podemos dizer, portanto, que esses termos são equivalentes diretos de tradução. Apesar da equivalência perfeita entre línguas ser vista como uma utopia por muitos teóricos sobre a tradução e compiladores de dicionários bilíngues, a existência dos termos básicos de cor pode muito auxiliar a aprendizagem e o estudo de uma língua estrangeira.

Acreditamos que os termos básicos de cor servem para mostrar que, embora as línguas se diferenciem muito umas das outras em detrimento da cultura dos povos, o homem ainda possui em sua constituição propriedades que o torna, em alguns casos, muito semelhante aos seus companheiros de espécie, mesmo que os mesmos habitem hemisférios opostos do planeta e estejam imersos em culturas totalmente diferentes.

Além do mais, acreditamos que uma discussão de tal sorte possa se colocar em relação de complementaridade com tudo o que já se postulou a respeito do fenômeno cromático, unindo-se, assim, às outras áreas do saber, sejam elas provenientes das ciências humanas ou das ciências exatas, para melhor poder explorar um tema que há tanto tempo muito fascina o homem: o fenômeno cromático.

REFERÊNCIAS:

- ALBIR, Hurtado. *Traducción y traductología*. Madrid: Gredos, 2001.
- BASSNET, Susan. *Estudos de tradução*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- BERLIN, Brent; KAY, Paul. *Basic Color Terms: Their universality and evolution*. Berkeley: University of California Press, 1999.
- GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação*. A construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2000.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2005.
- LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- RIBEIRO, Lincoln Almir Amarante; CÂNDIDO, Gláucia Vieira. O universalismo semântico cognitivo em um estudo sobre termos básicos referentes a cores na língua indígena Shanenawa (Pano). In: *Revista Ciências e Cognição*, v. 13, 2008. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v13/cec_v13-1_m318233.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- TAYLOR, John R. *Linguistic Categorization*. New York: Oxford University Press, 2003.
- ZAVAGLIA, Claudia. Dicionário e cores. In: *Revista Alfa*, n. 50, 2006. Disponível em: <<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50-2/02-Zavaglia.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2008.